

O ESTRANHO/ESTRANGEIRO DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

Gabrielle da Silva FORSTER

Vera Lúcia LENZ

(Universidade Federal de Santa Maria)

RESUMO: A literatura de Caio Fernando Abreu explora na tessitura do texto um espaço que pode ser compreendido como o dos grandes centros urbanos e assim ilumina a sociedade massificada que ao apostar na aparência e nos estereótipos, objetaliza o sujeito em atitudes mecanizadas que impedem sua transcendência pessoal. Como apenas uma parte da construção da subjetividade é guiada pelo sujeito, o contexto é de suma importância, pois a outra parte se produz na interação com esse. Nesse sentido, o presente trabalho visa observar a repercussão do contexto pós-moderno em alguns contos de CFA, objetivando desvelar que a tentativa de buscar a identidade, num tempo em que já se duvida que haja lugar para esse encontro, é marcada pela busca da diferença, pelo desmascaramento da padronização imposta que implica na construção de um sujeito despersonalizado, incapaz de expressar-se e de ser por meio de uma identidade una e pré-determinada.

PALAVRAS-CHAVE: Caio Fernando Abreu; Pós-Modernidade; Contos.

ABSTRACT: Caio Fernando Abreu's literature explores within the text's framework a space that can be understood as related to the large urban centers and, therefore, he illuminates a massified society that is attracted by appearance and stereotypes making the individual an object of mechanized attitudes which prevent his personal transcendence. As only one part of the construction of the subjectivity is guided by the individual, context is of utter relevance since the other part is produced in the interaction with it. In this sense, this work aims at observing the effect of the postmodern context in some of Abreu's short stories with the objective of unveiling that the attempt of searching identity, is uncertain, marked by difference, by an imposed pattern that implies the construction

of a depersonalized individual, incapable of expressing himself and of being someone through a predetermined and unified identity.

KEYWORDS: Caio Fernando Abreu; Posmodernity; Short stories.

Ao quadro de angústia e repressão, oriundo do período ditatorial brasileiro e das sobras deste momento inscritas no interior dos indivíduos ficcionalizados¹, soma-se o fato de os personagens de Caio Fernando Abreu estarem imersos no mundo tardo-moderno, norteados pela lógica da globalização e pelos códigos do capitalismo tardio, no qual toda a qualidade sensível das coisas é substituída pela noção de quantidade. Esse contexto, denominado modernidade líquida (Zygmunt Bauman), “estágio final moderno (Giddens), segundo estágio moderno (Beck), supramoderno (Balandier) ou pós-moderno”² (BAUMAN, 1999a, p.88), embora possua características próprias que serão mapeadas no decorrer deste texto e que em muitos aspectos se opõem ao do passado, ele não pode ser precisamente datado e deve ser compreendido como continuidade e não ruptura, pois

¹ A repercussão do contexto ditatorial brasileiro na obra de Caio Fernando Abreu é um viés de análise recorrente tanto em teses e dissertações que estudam a sua obra, como em textos mais curtos. Esta perspectiva de leitura também foi explorada no capítulo quatro de minha dissertação *O outro como porto na auto (ficção) de Caio F: uma procura ir-remediável?* Nesta, pretendi observar como se figura literariamente a construção da subjetividade e os processos de subjetivação na ficção de Caio Fernando Abreu, na tentativa de entender um dos conflitos centrais que perpassa toda a sua obra: a busca infinita e impossível de se reconhecer no e pelo olhar do outro. Conflito que aparece tanto na temática como na linguagem.

² Esse estágio também pode receber a denominação modernização ou modernidade reflexiva. Segundo Anthony Giddens, Scott Lash e Ulrich Beck no prefácio de *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*: “a prolongada discussão sobre modernidade *versus* pós-modernidade tornou-se cansativa e, assim como muitas discussões desse tipo, acabou resultando pouco produtiva. A ideia da modernização reflexiva, independente de se usar ou não esse termo como tal, rompe com as amarras em que essas discussões tenderam a manter a inovação conceitual (BECK; GIDDENS; LASH, 1997, p.7).

nada na história simplesmente termina, nenhum projeto jamais concluído e descartado. Fronteiras nítidas entre épocas não passam de projeções da nossa ânsia inexorável de separar o inseparável ordenar o fluxo. A modernidade ainda está conosco. Ela vive compressão de esperanças e interesses não satisfeitos sedimentado em instituições que se auto reproduzem; como zelo de imitadores forçosamente atrasados, que desejam juntar-se ao banquete outror desfrutado por aqueles que agora o abandonam com nojo; como o formato de mundo que os trabalhadores modernos criaram.. para nele habitarmos; como os “problemas” que esses trabalho geraram e definiram para nós, assim como nossa maneira de pensar e reagir aos problemas, maneira historicamente condicionada mas instintiva a essa altura. É a isto, talvez que pessoas como Habermas se referem quando falam do “projeto inacabado da modernidade” (BAUMAN, 1999b, p.287).³

“O que é realmente novo na nossa atual situação, em outras palavras, é o nosso ponto de observação” (BAUMAN, 1999b, p.288). Atualmente sabe-se que a tentativa moderna de romper com toda a forma de ambivalência⁴ foi fadada ao fracasso, assim como a crença cega no progresso, nas verdades absolutas proporcionadas pela ciência⁵ e na objetividade teleológica da História. Por isso, a “pós-modernidade é a modernidade que admitiu a impraticabilidade de seu projeto original. A pós-modernidade é a modernidade reconciliada com sua própria impossibilidade — e decidida, por

³ Seguindo a mesma linha de pensamento, Anthony Giddens afirma que “nós não nos deslocamos para além da modernidade, porém estamos vivendo precisamente através de uma fase de sua radicalização” (GIDDENS, 1991, p.57).

⁴ “As certezas não passam de hipóteses, as histórias não passam de construções, as verdades são apenas estações temporárias numa estrada que sempre leva adiante, mas nunca acaba” (BAUMAN, 1999b, p.190).

⁵ “A ciência perdeu boa parte da aura de autoridade que um dia possuiu. De certa forma, isso provavelmente é resultado da desilusão com os benefícios que, associados à tecnologia, ela alega ter trazido para a humanidade. Duas guerras mundiais, a invenção de armas de guerra terrivelmente destrutivas, a crise ecológica global e outros desenvolvimentos do presente século poderiam esfriar o ardor até dos mais otimistas defensores do progresso por meio da investigação científica desenfreada” (GIDDENS, 1997, p.109).

bem ou por mal, a viver com ela” (BAUMAN, 1999b, p.110). Abaladas todas as certezas nos movemos num terreno incerto, de contingência, mas com a possibilidade proporcionada pela distância de refletir conscientemente o que até então foi feito, compreendendo a falibilidade do projeto inicial, lutando com suas repercussões nocivas e buscando então, novos caminhos a serem trilhados.

Nesse contexto, a pluralidade e a ambiguidade do mundo ganham terreno e a personalidade é exacerbada, libertada ao extremo. Tudo passa a depender unicamente do indivíduo, que não encontra no exterior nada que possa culpar por seu fracasso. Devido à fragmentação das funções, o sujeito habita muitos lugares e nenhum. O ambiente externo não mais define autoritariamente os papéis e ele não consegue mais conectar-se com arquétipos recorrentes, familiares ou sociais, pois “as categorias não bastam agora para a auto identificação, que só pode ser alcançada sob a forma de caráter pessoal e único” (BAUMAN, 1999b, p.212). O múltiplo o habita e o indivíduo pode escolher muitas opções disponíveis na bandeja da vida. A construção de sua identidade transforma-se num projeto inacabado, por se fazer constantemente e é somente dele que passa a depender sua realização, já que

as oportunidades, ameaças, ambivalências da biografia, que anteriormente era possível superar em um grupo familiar, na comunidade da aldeia ou se recorrendo a uma classe ou grupo social, devem ser cada vez mais percebidas, interpretadas e resolvidas pelos próprios indivíduos. Certamente, ainda podem ser encontradas famílias, mas a família nuclear está se tornando uma instituição cada vez mais rara. Há desigualdades crescentes, mas as desigualdades e a consciência de classe perderam sua posição central na sociedade. E mesmo o eu (*self*) não é mais o eu inequívoco, mas se tornou fragmentado em discursos fragmentados do eu (BECK, 1997, p.18-19).

Pelo fato de poder transitar por muitas esferas da vida, lugares e subsistemas funcionais, não podendo identificar-se totalmente com nenhum ponto exterior, o indivíduo torna-se deslocado, um estranho até mesmo para si mesmo, reconhecendo

que o “fato de ‘ser um estranho’ é vivido, em graus variados, por todos os membros da sociedade contemporânea, com sua extrema divisão do trabalho e a separação de esferas funcionalmente separadas” (BAUMAN, 1999b, p.106). Além disso, a legitimação da diversidade do mundo é aproveitada pelo mercado. O indivíduo tem liberdade para escolher o que quer ser, ou seja, em termos de consumo, o que deve vestir; comprar, como deve se doar, comer, amar, amar a vida. Dançar? Praticar esportes? Fumar? São tantas possibilidades e os sistemas peritos se desdobram lhe oferecendo conforto, rapidez, praticidade para escolher as alternativas antes que elas tenham se tornado passado. Você pode comprar até sua própria sanidade estimulada pelo desabafar com um estranho, que não há mais amigos neste universal. No entanto,

a liberdade é tão truncada quanto antes – embora as partes do seu corpo agora amputadas sejam diferentes daquelas removidas no passado. Na prática pós-moderna, a liberdade se reduz à opção de consumo. Para desfrutá-la é preciso antes de mais nada ser um consumidor. Essa condição preliminar deixa milhões de fora. Como em toda a era moderna, no mundo pós-moderno, a pobreza desqualifica (BAUMAN, 1999b, p.289-290).

Se apenas alguns podem escolher, as escolhas são determinadas pela quantidade de capital que se possui e estimuladas pelos meios de comunicação midiáticos, a pseudoliberalidade, indisponível a muitos, só pode gerar insatisfação. Dos que não tem a “aparência certa” e dos que não podem comprá-la. Na verdade, ao procurar no fetiche do objeto o essencial subjetivo esquecemos o insaciável de nossa busca que se torna inconsolável, pois ninguém pode obter por muito tempo o efêmero substituível. Nosso *affaire* se torna então sinônimo de comprar, sempre. Compramos o que podemos, mas compramos, pois “a maneira como a sociedade atual molda seus membros é ditada primeiro e acima de tudo pelo dever de desempenhar o papel de consumidor” (BAUMAN, 1999a, p.88).

Nossa sociedade se exprime no espetáculo⁶ não só porque as imagens dominam, mas porque e principalmente, as relações inter-humanas são mediatizadas por imagens. O homem aqui é um produtor que se faz produto e o vazio de cada um é preenchido com a contemplação e com o consumo. A insatisfação torna-se o maior aliado da produção e não se compram apenas objetos que valem por sua estética e não pelo valor de uso, mas também personalidades, que se definem pelos objetos que possuem, pelas imagens que encerram nas escolhas compradas. Por meio da mercantilização da vida social tudo vira mercadoria e nos tornamos telespectadores da vida. Submissos a lei ditatorial do mercado importamos sonhos, estilos de vida, padrões de beleza, formas de relacionamento e de felicidade, pensando que as escolhas são nossas e sem levar em consideração que “num mundo realmente invertido, o verdadeiro é um momento do falso” (DEBORD, 2003, p.16).

Contaminados pela representação, a realidade se esvanece, o viver é substituído por ver e tudo nos atinge sob a forma de espetáculo. O diálogo cede lugar à comunicação espetacular que domina todas as esferas sociais, forjando valores, pois as “massas de homens na cidade estão sujeitas à manipulação por símbolos e estereótipos comandados por indivíduos operando de longe, ou invisivelmente por trás dos bastidores, através do controle dos meios de comunicação” (WHIRT, 1987, p.111). Os produtos constantemente criados servem para preencher momentaneamente nossa insatisfação que é ditada pela possibilidade de substituição constante dos objetos que perdem o valor assim que são possuídos. E os modelos de vida e de identidade são personificados na imagem das celebridades, ressaltando sempre a importância de aparecer, pois no reino das imagens a aparência é fundamental, posto que “considerando segundo os seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência” (DEBORD, 2003,

⁶ Termo utilizado na acepção de Guy Debord.

p.19). A realidade é o próprio signo imagético e desejamos as “coisas desejáveis”, que já estão modeladas⁷. Como afirma Debord:

a alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta (DEBORD, 2003, p.26).

Nossas decisões são apenas as escolhas que compramos. E só escolhemos entre as padronizações disponíveis. Certamente não nos vestiremos com o figurino do século passado, nossa casa encontrará atulhada de facilidades tecnológicas e dificilmente trocaremos o carro pela bicicleta mesmo em meio há um trânsito cada vez mais caótico e paralisado, nossa alimentação será balanceada segundo o que nos revelam ser saudável e até mesmo a necessidade de desenvolvermos uma consciência ecológica passou a ser encontrada em propagandas a favor de um planeta “mais limpo e saudável”. No entanto, “na sociedade pós-moderna de consumo o fracasso redundará em culpa e vergonha, não em protesto político” (BAUMAN, 1999b, p.276). Se algo sair errado, a culpa é unicamente sua! seria o *slogan* do momento, porque

⁷ “A individualização não é baseada na livre decisão dos indivíduos. Usando a expressão de Sartre, as pessoas são condenadas a individualização. A individualização é uma compulsão, mas uma compulsão pela fabricação, o autoprojeto e a auto representação, não apenas da própria biografia, mas também de seus compromissos e articulações à medida que as fases da vida mudam, porém, evidentemente, sob as condições gerais e os modelos do *welfare state*, tais como o sistema educacional (adquirindo certificados), o mercado de trabalho e a regra social, o mercado imobiliário e assim por diante. Mesmo as tradições do casamento e da família estão se tornando dependentes de processos decisórios, e todas as suas contradições devem ser experimentadas como riscos pessoais” (BECK, 1997, p.26).

hoje em dia, espera-se que os indivíduos dominem essas “oportunidades arriscadas”, sem serem capazes, em razão da complexidade da sociedade moderna, de tomar as decisões necessárias em uma base bem fundamentada e responsável, ou seja, considerando as possíveis consequências (BECK, 1997, p.19).

Por isso, é preciso confiar nos sistemas peritos e nas pesquisas científicas desenvolvidas por estes, mas estas são submissas ao utilitarismo econômico e militar e por isso mesmo carentes de certeza que não aquelas ancoradas no poder específico. Na nossa sociedade atual, que Ulrich Beck denomina “sociedade de risco”, pelo fato de ela conter a possibilidade de guerras mundiais, de uma catástrofe nuclear ou de desastres ecológicos que envolveria a todos, sem exceções, tudo é questionado e se modifica constantemente:

a sociedade de risco é tendencialmente também uma sociedade autocrítica. Os especialistas em seguro (involuntariamente) contradizem os engenheiros de segurança. Enquanto estes últimos diagnosticam risco zero, os primeiros decidem: impossível de ser segurado. Especialistas são anulados ou depostos por especialistas de áreas opostas. Políticos encontram resistência de grupo de cidadãos, e a gerência industrial encontra boicotes de consumidores organizados e politicamente motivados. Finalmente, até os setores poluidores (por exemplo, a indústria química, no caso de poluição marítima) devem enfrentar a resistência dos setores afetados (neste caso, a indústria da pesca e os setores que vivem do turismo litorâneo). Estes poluidores podem ser questionados pelos outros setores, controlados e talvez até corrigidos (BECK, 1997, p.22).

Não podemos estar seguros de nada porque todos os conhecimentos são mutáveis e instáveis, podem ser reformulados ou até mesmo anulados. Sendo assim, na sociedade da modernidade reflexiva “a confiança pressupõe consciência das circunstâncias de risco, o que não ocorre com a crença” (GIDDENS, 1991, p.38). Não sabemos ao certo se o planeta aquece ou esfria e o que nos é apresentado como verdade em um dado momento pode ser inviabilizado em pouco tempo, como exemplifica tão bem Anthony Giddens:

algumas descobertas são, em determinadas épocas, muito bem estabelecidas e é sensato segui-las; por exemplo, deixar de fumar quase certamente reduz a chance de se contrair uma série específica de enfermidades sérias. Mas, apenas quarenta anos atrás, muitos médicos recomendavam o fumo como um meio de aumentar o relaxamento mental e corporal (GIDDENS, 1997, p.109).

Estamos todos perdidos no carro de Jagrená,⁸ o controle e a segurança de que dispomos são relativos e a liberdade almejada e finalmente conquistada revela por fim nossa impotência frente às escolhas. Por sermos responsáveis por nossas derrotas e vitórias que de forma alguma são definitivas nos buscamos constantemente em novas alternativas, em novos exemplos e receitas de vida, dispersas em vitrines como roupas a comprar. Estamos incompletos, perdidos e acima de tudo sozinhos, porque embora a globalização tenha conectado a todos, diluindo as fronteiras, as ansiedades vivenciadas possam ser semelhantes e problemas como a degradação do meio ambiente provocada pelo impacto do industrialismo, tenham

8 Metáfora utilizada por Anthony Giddens para referir-se à modernidade: “uma máquina em movimento de enorme potência que, coletivamente como seres humanos, podemos guiar até certo ponto mas que também ameaça escapar de nosso controle e poderia se espatifar. O carro de Jagrená esmaga os que lhes resistem, e embora ele às vezes pareça ter um rumo determinado, há momentos em que ele guina erraticamente para direções que não podemos prever. A viagem não é de modo algum inteiramente desagradável ou sem recompensas; ela pode com frequência ser estimulante e dotada de esperanças antecipação. Mas, até onde durarem as instituições da modernidade, nunca seremos capazes de controlar completamente nem o caminho nem o ritmo da viagem. E nunca seremos capazes de nos sentir inteiramente seguros, porque o terreno por onde viajamos está repleto de riscos de alta-consequência. Sentimentos de segurança ontológica e ansiedade existencial podem coexistir em ambivalência. O carro de Jagrená da modernidade não é uma peça inteira, e aqui a imagem falha, da mesma forma que o que se diga de um único caminho que ela percorre. Não se trata de uma maquinaria integrada, mas de uma máquina onde há um puxa-e-empurra tenso e contraditório de diferentes influências. Qualquer tentativa de capturar a vivência da modernidade deve partir desta visão, que deriva, em última instância, da dialética do tempo e do espaço, tal como expressa na constituição tempo-espaço das instituições modernas” (GIDDENS, 1991, p.140).

alcances globais, o coletivo cede lugar ao individual e os problemas não podem ser somados, pois, na verdade, o que “aprendemos antes de mais nada da companhia dos outros é que o único auxílio que ela pode prestar é como sobreviver em nossa solidão irremível, e que a vida de todo mundo é cheia de riscos que devem ser enfrentados solitariamente” (BAUMAN, 2001, p.45). Além disso, “do automóvel à televisão, todos os *bens selecionados* pelo sistema espetacular são também as suas armas para o reforço constante das condições de isolamento das multidões solitárias” (DEBORD, 2003, p.25).

O espaço urbano aproximou os homens: estamos todos sempre muito próximos, nos cruzamos constantemente nas ruas e nos centros comerciais, nos sentamos lado a lado nas filas de espera e nos transportes coletivos, mas essas trocas inter-humanas ao mesmo tempo em que são numerosas são superficiais e impessoais. Não olhamos profundamente o outro nem este nos olha. E a vida acaba sendo observada mais detalhadamente apenas via televisão. As relações urbano-sociais visam à utilidade da comunicação e as pessoas acabam por ser compreendidas, na maioria das vezes, segundo a função que exercem para nos ajudar. Como as trocas são rápidas, instantâneas, transitórias, a importância da aparência é exacerbada. Despersonalizados, devemos escolher as máscaras para usar nos momentos em que largamos o uniforme do trabalho, uma das “fantasias” mais corriqueiras. É como estranhos que nos cruzamos com os outros, também estranhos. Não somos amigos nem inimigos, mas passantes; e a artificialidade dessas comunicações cotidianas faz com que o indivíduo procure com maior intensidade uma aparência que o identifique neste contato, apenas externo, rápido e visual, pois:

a tentação a aparecer oportunamente, a surgir concentrado e notavelmente característico, fica muito mais próxima do indivíduo nos breves contatos metropolitanos do que em uma atmosfera em que a associação frequente e prolongada assegura à personalidade uma imagem não ambígua de si mesma aos olhos dos outros (SIMMEL, 1987, p.22-23).

As relações estabelecidas não são emocionais, mas racionais, como aponta Georg Simmel, no seu clássico ensaio *A metrópole e a vida mental*. Nelas, “trabalha-se com o homem como com um número, como um elemento que é em si mesmo indiferente” (SIMMEL, 1987, p.13). Devido à complexidade, rapidez e intensidade do “conjunto sensorial de imagens mentais” (SIMMEL, 1987, p.12) ao qual o homem está exposto nas metrópoles, há “intensificação dos estímulos nervosos” (SIMMEL, 1987, p.12) e “ele desenvolve um órgão que o protege das correntes e discrepâncias ameaçadoras de sua ambientação externa, as quais, do contrário, o desenraizariam. Ele reage com a cabeça, ao invés de com o coração” (SIMMEL, 1987, p.12-13). Segundo o autor citado, a quantidade e não a qualidade nivela as relações e os indivíduos adquirem uma atitude *blasé*, refletindo a interiorização da economia do dinheiro, que “arranca irreparavelmente a essência das coisas, sua individualidade, seu valor específico e sua incomparabilidade” (SIMMEL, 1987, p.16).

Essa forma de comunicação superficial, impessoal e transitória resulta na dificuldade de estabelecer laços sólidos e consequentemente em sentimentos de solidão e vazio. Pelo fato de as redes de parentesco e de comunidade local estarem enfraquecidas quando não extintas, as relações passam a basearem-se simplesmente em afeto pessoal e afinidades eletivas, que exigem dos indivíduos uma doação de ambos os lados que deve ser construída e assegurada constantemente, já que “nas relações de intimidade do tipo moderno, a confiança é sempre ambivalente, e a possibilidade de rompimento está sempre mais ou menos presente” (GIDDENS, 1991, p.144), o que gera ansiedade e insegurança. Como o outro não desempenha um papel pré-formado para conosco ele pode partir quando quiser e nunca saberemos até que ponto vai sua entrega. Rasgamos os contratos e as relações podem ser rompidas a qualquer momento, sem maiores complicações, pelo menos para o lado em que o envolvimento emocional se tornou nulo. Temos liberdade para escolher e para abandonar o escolhido no momento em que

novas aventuras, amizades e amores passam a brilhar mais. Isso não quer dizer que as famílias nucleares estejam totalmente dissolvidas ou que seja impossível estabelecer relações de afeto consistentes, mas no contexto atual essas interconexões pessoais se encontram desgastadas. Tudo tende a fazer com que o indivíduo se movimente, sem fixar-se por muito tempo em determinado lugar ou situação, devido à autorreflexão constante que faz com que ele questione suas escolhas frente às inúmeras possibilidades que apontam e acenam convidativas no horizonte. Como aponta Zygmunt Bauman,

ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de ficar parado. Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo “adiamento da satisfação”, como sugeriu Max Weber, mas por causa da *impossibilidade* de atingir a satisfação: o horizonte de satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da autocongratulação tranquila movem-se rápido demais (BAUMAN, 2001, p.37).

A importância do local no contexto atual foi dissolvida pela globalização e conseqüentemente pelo estreitamento entre o tempo e o espaço. Estamos todos conectados e influenciados pelas leis dos mercados financeiros globais. O distante foi banido e podemos assistir a acontecimentos de qualquer parte do mundo no exato momento em que acontecem. “Não há mais ‘fronteiras naturais’ nem lugares óbvios a ocupar. Onde quer que estejamos em determinado momento, não podemos evitar de saber que poderíamos estar em outra parte, de modo que há cada vez menos razão para ficar em algum lugar específico” (BAUMAN, 1999a, p.85). Na sociedade pós-moderna o nomadismo é a alternativa, pois quando novas oportunidades esperam ansiosas em outros lugares, apegar-se ao solo⁹ é aprisionar-se.

Embora não possamos relacionar a obra de Caio a avanços tecnológicos intensificados na virada do século, como a utilização recorrente da internet estreitando ao máximo a relação tempo/

⁹ Segundo Zygmunt Bauman em *Modernidade Líquida*: “fixar-se ao solo não é tão importante se o solo pode ser alcançado e abandonado à vontade, imediatamente ou em pouquíssimo tempo” (BAUMAN, 1999, p.21).

espaço na comunicação¹⁰, muitos dos aspectos do contexto pós-moderno apontados pelos autores com os quais venho dialogando aqui, podem ser visualizados em sua ficção. Como apenas uma parte da construção da subjetividade é guiada pelo sujeito, o contexto é de suma importância, pois a outra parte se produz na interação com esse. No construir-se identitariamente articulamos nossa forma de ver e de sermos vistos, nosso discurso e as possibilidades discursivas de um espaço concreto e de um momento histórico específico. Como afirma Jonathan Friedman:

A constituição da identidade é um jogo perigoso e elaborado de espelhos. É uma interação temporal complexa entre múltiplas práticas de interação interna e externa a um indivíduo ou a uma população. De forma a compreender-se esse processo constitutivo é necessário, por conseguinte, situar os espelhos no espaço e o seu movimento no tempo (FRIEDMAN *apud* MENDES, 2002, p.532).

Ao explorar em sua narrativa um espaço que pode ser compreendido como o dos grandes centros urbanos, a literatura de Caio ilumina a sociedade massificada que ao apostar na aparência, nos rótulos e nos estereótipos, objetaliza o sujeito em atitudes mecanizadas que anulam sua individualidade e impedem sua transcendência pessoal. Por isso, a tentativa de buscar a identidade, num tempo em que já se duvida que haja lugar para esse encontro, é marcada pela busca da diferença, pelo desmascaramento e revelação da padronização imposta que implica na construção de um sujeito despersonalizado, incapaz de expressar-se e de ser por meio de uma identidade una e pré-determinada, na qual nunca haverá possibilidade de despertar. É por meio do desejo de se encontrar que o caminho a ser percorrido na tentativa de atingir uma vida

¹⁰ É importante lembrar que embora já existissem computadores Caio só fez uso deles nos últimos anos de sua vida e em nenhum texto ou depoimento menciona comunicações virtuais, tendo o contato com os amigos sempre se dado por meio de cartas. Como coloca Antonio Maschio em depoimento a Paula Dip: “eram outros tempos, não vivíamos ainda numa aldeia global, não tinha celular, computador, imagine, nem fax tinha” (DIP, 2009, p.62).

autêntica passa a ser vislumbrado, revelando a compreensão de que como seres participantes de um fluxo contínuo de transformação nossa personalidade não pode e nunca será completa e por isso não poderemos ser definidos por símbolos imagéticos estipulados. Como dentro deste ambiente massificador, as trocas inter-humanas são rápidas, artificiais e impessoais, o indivíduo se sente deslocado em relação ao outro e não consegue estabelecer um contato que vá além dos rótulos. Ao lado do aumento no número de comunicações há também a dificuldade de articular os desejos individuais com os coletivos, já que:

a experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia (BERMAN, 2007, p.24).

A solidão é iluminada quando fotografada em seu abandono na multidão. Em *Aconteceu na praça XV*, conto incluído em *Pedras de Calcutá*, o narrador revela a superficialidade das relações estabelecidas entre os homens na cidade, sempre veloz, cujas trocas são numerosas, mas transitórias. Habitante desse contexto, ele percebe que “não era uma personagem de ninguém, embora às vezes, mais por comodismo ou para não sentir-se desamparado como obra de autor anônimo, quisesse achar que sim” (ABREU, 2007, p.74). No entanto, como “o mundo subjetivo que constitui a identidade da personalidade individual só pode ser sustentado por meio da troca intersubjetiva” (BAUMAN, 1999b, p.212), ele acaba revelando a necessidade que sente de ser compreendido, de que alguém o perceba além do visual (quando visto) e entenda sua luta diária além da insignificância de ser apenas mais um. É por isso que

quando a irritação não era muita, conseguia olhar para os lados pensando que dentro das corridas, dos gritos e dos cheiros havia como olhos que não precisavam se olhar para que uma silenciosa voz coletiva repetisse, olha, venci mais um (ABREU, 2007, p.74).

Sentia vontade de confessar “para qualquer alguém, olha, venci mais um” (ABREU, 2007, p.74) como se somente assim aqueles dias corridos e repetitivos, comuns a todos, pudessem fazer sentido, preenchendo o vazio com a cumplicidade. Mas às vezes havia a chuva, aumentando a distância, e o medo de ser contaminado, que havia doenças soltas na cidade “(estafilococos, miasmas, meningite)” (ABREU, 2007, p.75) e “as latas sujas transbordantes de lixo e cães sarnentos e os pivetes pedindo um-cruzeirinho-para-minha mãe-entrevada, mãos crispadas na bolsa” (ABREU, 2007, p.75). E então ele responde negativamente quando pergunta: “alguém compreenderia?”, que ele “tentava dar outra orientação ao cansaço despolitizado e à dor seca nas costas” (ABREU, 2007, p.75). Sua personalidade perde o valor quando incluída nessa massa informacional. Porém, a partir do momento no qual “inesperadamente” ela aparece e afunda “os dedos no seu cabelo, coçando-lhe a cabeça como fazia antigamente” (ABREU, 2007, p.75) e eles se sentam num bar para tomar um chope, tanto o narrador quanto este outro personagem começam a caracterizar-se lentamente, revelando dessa forma que por trás das máscaras frias e intransponíveis que se esbarram umas nas outras todos os dias, evitando-se, estão escondidas uma porção de especificidades: gostos, ideias, ideais, sonhos, esperanças, dores, lembranças, cansaço, medo e solidão. Bosh, Klimt, Márcio de Andrade, Clarice Lispector, Sartre, Simone e Camus; aulas de metafísica, marcas de cigarro, passeatas contra a ditadura, cabelos caindo, gola preta role e maneiras específicas de falar; análise, uma espécie de amor falido entre eles, um pôster de Marilyn Monroe amarelado, Maysa cantando *que eu não largo o cigarro* e *flashbacks* dos dois “deitados na grama e o barulho do rio limpo, naquele tempo” (ABREU, 2007, p.79). Estas são apenas algumas das características que vão aparecendo aos poucos e personalizando os personagens revelando fatos de sua vida, de seu comportamento e de suas afinidades artísticas, que compõem o caminho trilhado, juntos ou separados, suas escolhas.

Neste conto, o ficcional é mencionado na ficção¹¹; não como reflexão sobre o processo de escrita, mas como indicação irônica de que a luz só recai sobre o indivíduo através da criação artística, neste caso seja ela literária ou cinematográfica, como se o homem fosse construído pela expressão estética e não o seu produtor. Nas ruas, na realidade crua e nua, seguimos todos anônimos, como os personagens sem nome de Caio, porém sem a focalização. Por meio desse jogo em que a ficção ilumina a vida e a vida emerge da ficção, seu personagem surge como mais um entre nós e ele descobre no final que “quem sabe estava apenas nos bastidores ou na plateia ao invés de no picadeiro, como se fosse apenas um leitor e não uma personagem nem de Tânia Faillace¹² nem de ninguém” (ABREU, 2007, p.80). Quando a outra vai embora, ele volta a sua condição inicial — de solitário habitante da metrópole — e o conto acaba; com a sua compreensão de que disperso na multidão não lhe abraça nenhum olhar que o privilegie. O encontro entre os dois não muda o rumo de suas vidas, mas indica que nesse contexto, a “comunicação e o diálogo se tornam necessidades críticas e também fontes fundamentais de deleite. Num mundo em que os significados se dissolvem no ar, essas experiências estão entre as poucas fontes de sentido com que podemos contar” (BERMAN, 2007, p.15).

¹¹ Desde o início do conto o narrador-personagem entrelaça a série da vida real com a do discurso narrativo: é um personagem e deseja fazer parte desta categoria literária, embora afirme que isto não acontece. Além disso, o discurso narrativo é atravessado em alguns trechos por recursos recorrentes no código imagético fílmico, como os cortes e os *flashbacks*, mencionados explicitamente pelo narrador que também indica em determinado momento uma alteração na trama, caso ela estivesse sendo filmada e não “vívda”: “ele pensou que se fosse cinema agora poderia haver um *flashback* que mostrasse os dois na chuva recitando Clarice Lispector, *para te morder e para soprar a fim de que eu não te doa mais, meu amor, já que tenho que te doar*” (ABREU, 2007, p.78).

¹² Acredito que o narrador mencione a escritora e jornalista gaúcha Tânia Faillace pela presença do intimismo e do cotidiano da vida urbana em sua literatura, aspectos também comuns à literatura de Caio e que aparecem neste conto. Por isso, o personagem poderia ser um daqueles da escritora, embora insista em dizer que não é um personagem, nem dela, nem de ninguém.

Muitas vezes há um conflito latente nos personagens, esticado até um limite extremo de tensão, em que eles se mostram indecisos entre aquilo que trazem inscrito em si e a forma como devem apresentar-se e compreender-se, catalogados no ambiente externo, o que fica visível em *Itinerário*, conto incluído em *Inventário do ir-remediável*¹³. De repente, o narrador-personagem mergulha em si mesmo e se encontra sozinho “dentro do parque, dentro do bairro, dentro da cidade, dentro do estado, dentro do país, dentro do continente, dentro do hemisfério, do planeta, do sistema solar, da galáxia” (ABREU, 2005a, p.61). “De repente. Com a mesma intensidade” (ABREU, 2005a, p.61) está dentro de si. Mas é tão vasto estar dentro de si, suas paredes se dissolvem e ele passa a anexar no interior o externo. Como nas filosofias orientais¹⁴, tudo aparece entrelaçado, a visão mecanicista de mundo dividido e conseqüentemente de ego isolado se desmancha, o universo aparece como cosmos orgânico e dinâmico e o personagem deixa de ser uma parte somando o que é separado para fazer parte, em comunhão. Mas a sensação logo se esvanece e ele volta a habitar *maya*, reconhecendo:

subitamente tudo volta. E sou apenas um homem no parque — reduzido somente a minha condição de homem no parque. Espio para fora de mim e vejo as coisas que não são minhas. As árvores debaixo das quais estou, esta folha que há pouco deslizou pelo meu chapéu, escorregou por ombro, atingindo a

¹³ O nº das páginas citadas aqui são as do livro *Caio 3D — o essencial da década de 1970*; no qual está incluído *Inventário do ir-remediável*.

¹⁴ “A característica mais importante da visão oriental de mundo — poder-se-ia mesmo dizer, a essência dessa visão — é a consciência da unidade e da inter-relação de todas as coisas e eventos, a experiência de todos os fenômenos do mundo como manifestações de uma unidade básica. Todas as coisas são encaradas como partes interdependentes e inseparáveis do todo cósmico; em outras palavras, como manifestações diversas da mesma realidade última. As tradições orientais referem-se constantemente a essa realidade última, indivisível, que se manifesta em todas as coisas e da qual todas as coisas são partes componentes. Essa realidade é denominada *Brahman* no Hinduísmo, *Dharmakaya* no Budismo, *Tao* no Taoísmo” (CAPRA, 1983, p.103).

mão onde a esmago, esta gente para quem sou um homem no parque (ABREU, 2005a, p.61).

Ele esmaga a folha que se transforma em nada e então quase grita que não é um assassino, é somente um homem no parque, para que as pessoas o olhem e vejam o quanto é “inteiramente normal trivial banal e até vulgar” (ABREU, 2005a, p.61) dentro do “terno escuro, antiquado” (ABREU, 2005a, p.61). Precisa ser reconhecido através da aparência que encerra, porque não consegue identificar-se de outra forma, está tão aprisionado na recorrente mediatização de imagens da sociedade do espetáculo que permitir-se ir além dos rótulos impostos é pisar em solo inseguro, porque fértil — crescendo e ultrapassando as barreiras fixadas; desafinado o tom uníssono das vozes coletivas. O que foge disto o assusta e não conseguindo romper *samsara*, configura-se pelo externo e a realidade é o que “aparece-ser”. Sendo assim revela:

preciso que tomem consciência do meu ser e preciso eu mesmo tomar consciência do que sou e do que significo nesta brecha de tempo. Por isso baixo os olhos e, subindo-os desde o bico dos sapatos, vistório todo o conjunto que forma o meu ser em exposição. Calças, casaco, chapéu — eu sou um homem no parque! Novamente quase grito porque a realidade de repente oscila, ameaçando quebrar-se em fatias que ferem. Apoiado em minha segurança que se revela precária, eu luto (ABREU, 2005a, p.62).

Nesta luta não há descanso, ele vence e é vencido, voltando novamente para dentro de si, mas dessa vez não há transcendência, seus pensamentos são apenas pedaços dele mesmo, desnudos, libertos, doloridos, “infinidade de formas, de signos desfeitos” (ABREU, 2005a, p.62), “lembranças feitas de imagens incompletas como retratos rasgados” (ABREU, 2005a, p.62), “ideias a que faltam braços, pernas, cabeças” (ABREU, 2005a, p.62). Precisa da segurança que lhe proporciona o externo porque no vácuo de si despenca. Olhar-se mais profundamente implicaria em reconstruir-se, como afirma: “tornar a escolher os gestos, as palavras, em cada momento decidir qual dos meus eus assumir” (ABREU, 2005a, p.63).

Seria preciso abdicar do meu ser cotidiano, construído em lon; labor. Seria preciso abdicar de minha segurança, e eu a acumulo em paciência, em tédio, mas a fiz forte, e se agora periclita é porque todos nós temos o nosso momento de queda. E este é o meu (ABREU, 2005a, p.63).

Através de suas palavras o personagem ilumina o fato de que no contexto da modernidade reflexiva, a identidade está sempre por se fazer e que a satisfação ou seu contrário depende unicamente do indivíduo, mas que “viver diariamente com o risco de auto-reprovação e auto-desprezo não é fácil” (BAUMAN, 2001, p.48). Por isso, está sempre em luta: seu “ser se parte em dois. Um que foge, outro que aceita. O que aceita diz: não” (ABREU, 2005a, p.63). Aprisionado, não conseguindo romper com a representação de si mesmo, por fim, após ser esticado tensamente entre a essência e aparência, despenca apoiando-se nos cabides individuais¹⁵, voltando de si para o que em si é padronizado; voltando para casa, onde “há mulher, há filhos, há trabalho, há a prestação da televisão que passar um banguê-banguê legal” (ABREU, 2005a, p.64) que ele gosta; e poltrona e o cachimbo e o jornal ao lado:

tudo tão simples. Já vi mil vezes cenas iguais em filmes e livros e revistas. Tanto e tanto que duvido delas. Mas dúvida faz escorregar. E no fundo, depois do longo deslizar, no fundo é úmido e friccionado apesar da chama. Faz-se necessário testar, apalpar as massas que recusam definições. Faz-se necessário avançar. Mas tudo impede o avanço. E dói (ABREU, 2005a, p.64).

Nesse contexto em que a situação de nossa vida parece depender unicamente de nós, os problemas dos outros nos aparecem como se também fossem as suas escolhas e os olhamos com indiferença, seja no “ao vivo” da TV ou das ruas. A diminuição cada

¹⁵ Segundo Zygmunt Bauman em *Modernidade Líquida*, nesse contexto no qual o indivíduo constrói constantemente sua identidade surge o medo de reprovação e de ser reprovado, por isso há “demanda por cabides individuais onde os indivíduos atemorizados possam pendurar coletiva, ainda que brevemente, seus temores individuais” (BAUMAN, 2002, p.48).

vez mais acentuada do humano nas metrópoles tem a sua face mais aterrorizante nas situações de violência, que tanto em representações ficcionais nos textos de Caio como nos de Rubem Fonseca, surge não apenas das esferas consideradas como marginais, mas pode emergir do interior de qualquer indivíduo, passando imperceptível aos nossos olhos e tornando-se por isso mesmo, impune. O conto *Creme de alface*, incluído na coletânea *Ovelhas Negras*, é um bom exemplo desse lado sombrio encontrado nas grandes cidades, como já identificou o autor — CFA:

O que me aterroriza neste conto de 1975 é a sua atualidade. Com a censura da época, seria impossível publicá-lo. Depois, cada vez que o relia, acabava por respeitá-lo com um arripio de repulsa pela sua absoluta violência. Assim, durante vinte anos, escondi até de mim mesmo a personagem dessa mulher-monstro fabricada pelas grandes cidades. Não é exatamente uma boa sensação, hoje, perceber que as cidades ficaram ainda piores, e pessoas assim ainda mais comuns (ABREU, 2002, p.127).

Essa mulher-monstro¹⁶ está solta na multidão, olheiras fundas, problemas seus, dos seus: Raul que se enforcara há cinco anos, seu pai doente, a tia Luiza “que nem criancinha, mijando nas calças, brincando de boneca” (ABREU, 2002, p.128), “a cadela da Rosimari bebendo cada vez mais” (ABREU, 2002, p.129), Marquinhos se drogando, Artur com câncer no baço e ela feliz por isso — o homem que a traiu com a empregadinha, “a putinha, a mulatinha vadia” (ABREU, 2002, p.128). Ela tinha pressa, seis crediários a pagar e os outros estavam atravancando o seu caminho, o “maldito velho com passinho de tartaruga” (ABREU, 2002, p.127), “pivetes imundos, tinham que matar todos” (ABREU, 2002, p.127), a menina insistindo, segurando “seu braço pedindo um troquinho pelo amor de deus pro meu irmãozinho que tá no hospital desenganado, pra minha mãezinha que tá na cama entrevada, tia” (ABREU, 2002, p.130). Ela nega, os outros lhe são indiferentes, “mendigo é problema social,

¹⁶ Note que este conto foge da regra: nele o protagonista executa a violência e não a sofre ou testemunha, como é comum nos contos de CFA.

não pessoal” (ABREU, 2002, p.129), e quando a menina indignada lhe ofende, ela lhe agride com uma joelhada no estômago e depois “com a ponta fina da bota” (ABREU, 2002, p.129) acerta “várias vezes as pernas da menina caída” (ABREU, 2002, p.129). A violência é sua alternativa, a violência frente aos “jornais cheio de horrores, aqueles negrinhos gritando loteria, porcarias, aquele barulho das britadeiras furando o concreto” (ABREU, 2002, p.128), “esse calor absurdo em pleno inverno, o eixo da Terra, dizem, a estufa, o ozônio¹⁷” (ABREU, 2002, p.129). Por isso quase grita: “você não vai me vencer, ouviu bem sua vida de merda? Eu vou ganhar de você no braço na raça e quem se meter no meu caminho eu mato” (ABREU, 2002, p.129). Não quer deixar “apodrecer a vida como a vida deixou apodrecer o coração” (ABREU, 2002, p.132). Então, após espancar a menina não se questiona se era uma assassina, uma criminosa; apenas e tão natural em sua frieza entra no cinema e abre as pernas para que o homem sentado ao seu lado a toque:

o lixo das ruas e o roxo das olheiras tão fundas, mas tão fundas pensou acariciando o rosto enquanto um dedo dele entrava mais fundo, tão fundas que resolveu, eu mereço, danem-se os crediários, custe o que custar saindo daqui vou comprar imediatamente um creme de alface (ABREU, 2002, p.133).

A violência é um dos aspectos presentes nas grandes cidades, mas há também e muitas vezes ao seu lado, o egoísmo, a indiferença, a ausência de laços afetivos e principalmente, a solidão. Os personagens de Caio Fernando Abreu geralmente são solitários e buscam constantemente no outro um porto, lugar de contato capaz de completar o vazio que sentem, cratera profunda e aberta pelos grandes centros urbanos, nos quais há um grande número de trocas artificiais entre seres moldados superficialmente. Quase nunca há encontros, como ocorre nos contos *Sob ou céu de Saigon* ou *Os sobreviventes*. Mas algumas raras vezes há e é brilhante, como pode ser verificado no conto *Aqueles dois*, incluído em *Morangos Mofados* e

¹⁷ A preocupação ecológica é uma temática presente em alguns textos ficcionais de Caio F.

no qual “num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra” (ABREU, 1987, p.132). Neste, Raul e Saul se conhecem no trabalho e aos poucos se tornam íntimos. Se encontram e se completam, embora sejam despedidos por esta relação, que o chefe sem saber de nada, que “nada havia ainda acontecido” (ABREU, 1987, p.141) e nem acontece no conto de forma concreta e explícita, julga ser “anormal e ostensiva” (ABREU, 1987, p.141), “desavergonhada aberração” (ABREU, 1987, p.141). Eles são despedidos, mas saem vitoriosos, posto que aqueles que observavam a partida da janela tiveram a sensação de que nunca mais seriam felizes. Ao construírem uma relação de amor e de amizade num contexto em que esses laços se esvanecem no ar, indicam a possibilidade de pintar com novas cores o que insiste em permanecer escuro. Um encontro, em meio à violência, a ausência, o vazio, a solidão das grandes cidades. Um encontro, que ainda há.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. F. *Caio 3D: o essencial da década de 1970/ Caio Fernando Abreu*; apresentação por Maria Adelaide Amaral. Rio de Janeiro: Agir, 2005a.
- _____. *Morangos mofados*. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. *Ovelhas Negras*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- _____. *Pedras de Calcutá*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999a.
- _____. *Modernidade e ambivalência*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999b.
- _____. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- BECK, U. *A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva*. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, A.; LASH, S. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- CAPRA, F. *O tao da física*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1983.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Projeto Periferia, 2003. Disponível em http://www.arq.ufsc.br/esteticadaarquitectura/debord_sociedade_do_espetaculo.pdf. Acesso em: 22 jun. 2010.
- DIP, P. *Para sempre teu, Caio F.* – cartas, memórias, conversas de Caio Fernando Abreu/Paula Dip. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.
- _____. *A vida em uma sociedade pós-tradicional*. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- MENDES, J. M. O. O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventur; e Souza (orgs.). *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SIMMEL, G. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A., 1987.
- WIRTH, L. *O urbanismo como modo de vida*. In: VELHO, Otávio Guilherm (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A., 1987.